



## **Impressões de Uma Palhaça na T.I. Escondido**

Eu sinto que todo encontro com uma aldeia é o encontro de uma alma com sua ancestralidade.

Vê-se isso na forma como nos sentimos em casa, acolhidos, cuidados e reconhecemos as pessoas. Mesmo sem nunca tê-las visto.

Os sorrisos são honestos. Quando a piada é ruim ninguém ri e quando menos se espera outra fala é que faz sentido.

As crianças são corajosas. Não têm medo dos bonecos. São espelho dos adultos que as cercam. São queridas e compartilhadas.

Os anciãos são calmos, serenos. Falam baixo. Passam conhecimento com generosidade e alegria. Eram os mais interessados no teatro. Foram criança.

As mulheres são sérias. Difíceis de se arrancar sorrisos. Guardiãs dos cuidados e dos artesanatos finos. Verdadeiras joias. São fortes.

O plantio integra. Homem, mulher, natureza, criança e bicho. Tem pra todos. É pra todos.

Na dança as crianças são incluídas no processo. Os cocares exuberantes, as delicadas joias da floresta revelam sintonia apurada. Sabem que é importante manter a vida viva.

Não bastando tanta novidade para os olhos, eis que nos apresentam MURIBE. Espírito da floresta que se manifesta num brincante. Os cães latem com estranheza. MURIBE se esconde, mexe, corre, amedronta, faz rir e vai embora. Deixando apenas a egregora do riso no ar. Me vi em MURIBE.

O caminho até lá fala de fragilidade. No limite de uma área particular de manejo florestal, um percurso rasgado pela fome de dinheiro. Logo à frente uma porteira. Um portal. Dentro da aldeia se esquece tudo o que se vê lá fora.

Quanta beleza. Quanta fragilidade. Quanta resistência!

O dia na aldeia foi cheio. Não fomos para pernoitar, apesar do convite. Que pena. Foi bom (re)conhecer esse povo que carrego em mim agora e antes.

**Autora:** Michele Sierra